



## **O CORPO E A PRODUÇÃO DA MASCULINIDADE EM LIVROS DIDÁTICOS DE CIÊNCIAS**

*EL CUERPO Y LA PRODUCCIÓN DE MASCULINIDAD EN LOS MANUALES DE CIENCIAS*

*THE BODY AND THE PRODUCTION OF MASCULINITY IN SCIENCE TEXTBOOKS*

DUARTE, Marcos Felipe Silva<sup>1</sup>  
COSTA, Cristine Fernanda da Silva<sup>2</sup>  
SANTOS, Annanda Crystina<sup>3</sup>  
SÁ-SILVA, Jackson Ronie<sup>4</sup>

### **Resumo**

Considerando o impacto sociocultural que os discursos sobre o corpo masculino têm na produção da masculinidade, que a escola e os livros didáticos são instâncias de representação deste corpo, objetivamos analisar os discursos sobre o corpo masculino em cinco coleções de livros didáticos de Ciências do Ensino Fundamental. A partir de trechos de textos, imagens do corpo humano e ilustrações que exaltam a ideia do masculino compreendemos que o discurso predominante é o biológico higienista, que os livros ensaiam discussões sobre relações de gênero, mas que de um modo geral são insuficientes, apontando assim para a necessidade de um currículo que integre os aspectos socioculturais aos biológicos.

**Palavras-chave:** Corpo masculino; Livros didáticos; Ensino de Ciências; Pesquisa documental; Currículo.

### **Resumen**

Considerando el impacto sociocultural que los discursos sobre el cuerpo masculino tienen en la producción de la masculinidad, que la escuela y los libros didáticos son instancias de representación de este cuerpo, nos propusimos analizar los discursos sobre el cuerpo masculino en cinco colecciones de libros didáticos de Ciencias de la Enseñanza Fundamental. Partiendo de extractos de textos, imágenes del cuerpo humano y ilustraciones que exaltan la idea de masculinidad entendemos que el discurso predominante es el higienista biológico, que los libros ensayan discusiones sobre las relaciones de género pero que, en general, son insuficientes, apuntando a la necesidad de un currículo que integre aspectos socioculturales a los biológicos.

<sup>1</sup> Mestre em Educação, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, Maranhão, Brasil, [duartifelipe@hotmail.com](mailto:duartifelipe@hotmail.com)

<sup>2</sup> Licenciada em Ciências Biológicas, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, Maranhão, Brasil, [cristineferandas@gmail.com](mailto:cristineferandas@gmail.com)

<sup>3</sup> Especialista em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, Maranhão, Brasil, [annandasantos16@hotmail.com](mailto:annandasantos16@hotmail.com)

<sup>4</sup> Pós-Doutor em Educação, Doutor em Educação, Professor do Departamento de Biologia da Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, Maranhão, Brasil, [prof.jacksonronie.uema@gmail.com](mailto:prof.jacksonronie.uema@gmail.com)

**Palabras clave:** Cuerpo masculino; Libros didáticos; Enseñanza de Ciencias; Investigación documental; Currículo.

**Abstract**

Considering the sociocultural impact that the discourses on the male body have on the production of masculinity, that school and textbooks are instances of representation of this body, we aimed to analyze the discourses on the male body in five collections of science textbooks of Elementary School. From text excerpts, images of the human body and illustrations that exalt the idea of masculinity we understand that the predominant discourse is the biological hygienist, that the books rehearse discussions about gender relations, but that in general they are insufficient, pointing to the need for a curriculum that integrates sociocultural aspects to biological ones.

**Keywords:** Male body; Textbooks; Science teaching; Documentary research; Curriculum

**1 Introdução**

O corpo humano é constituído de aspectos biológicos que nos fazem entendê-lo enquanto organismo, mas também de aspectos socioculturais que nos permitem compreender o meio e o tempo no qual está inserido. Os discursos sobre esse corpo são variados, alguns tomam posições hegemônicas e normatizantes, outros são reproduzidos por tanto tempo que acabam sendo naturalizados, logo, sua origem é esquecida e instituições sociais ainda contribuem para a disseminação de discursos reguladores e disciplinantes.

O corpo masculino é construído a partir de discursos que definem o que é um homem e como se dá a masculinidade, e o fazem historicamente, colocando esse sujeito em uma posição de privilégio e superioridade, em um ambiente competitivo e violento. Aqui destacamos a necessidade de questionar e de nomear a norma para que a mesma não seja vista como natural (FAVERO; MACHADO, 2019). Apontamos que é fundamental em pesquisas como esta que discutem gênero, estranharmos e questionarmos as naturalizações, dessa forma, julgamos essencial analisar a construção do homem para a compreensão das relações de poder envolvidas nas relações de gênero.

A Biologia que disseca e diagnostica o corpo masculino não dá conta de toda a complexidade que esse contempla, por isso, o ensino de Ciências precisa partir da premissa que os aspectos socioculturais e históricos não se dissociam dos biológicos, esses campos são intrínsecos, surgindo a necessidade de um currículo mais humanizado,

que enxergue o corpo para além de características orgânicas e que os dá um aspecto maquinário.

Nesse sentido, os materiais didáticos são recursos potentes que podem tanto reproduzir discursos totalizantes e limitadores como transgredi-los, contemplando um corpo amplo e complexo. Ainda hoje, os livros didáticos são os mais importantes, e em muitas realidades, o único recurso em sala para estudantes e docentes, uma fonte de conhecimento que auxilia diretamente na compreensão do corpo e, por consequência, das suas possibilidades (FURLANI, 2008).

Sendo a escola um ambiente de formação de identidade é necessário que esta discuta as relações de gênero e a construção da masculinidade. Inclusive, os materiais didáticos precisam discursar os diferentes corpos e as diferentes expressões da masculinidade, portanto, objetivamos nessa investigação analisar os discursos sobre o corpo masculino em livros didáticos de Ciências do Ensino Fundamental Anos Finais (6º ao 9º ano).

## **2 Procedimentos Metodológicos**

### **2.1 Sobre o aporte teórico-metodológico**

Essa investigação é perspectiva qualitativa, visto que operamos com a análise de discursos os quais são subjetivos, indicam representações, intenções, ideias e constroem a prática sociocultural. Esses discursos foram apreendidos em livros didáticos de Ciências e consideramos tais materiais como documentos, desta maneira, essa pesquisa também configura-se como do tipo documental. Os documentos são fontes ricas de informações que nos auxiliam na compreensão de objetos que necessitam de contextualização histórica e sociocultural, permitindo adicionar a dimensão temporal à análise de indivíduos, grupos, práticas, conceitos, etc. (MINAYO, 2014; SÁ-SILVA *et al*, 2009).

Para a problematização dos discursos nos apropriamos do aporte teórico dos Estudos Culturais em Educação, um campo que surge da ideia do questionamento de hierarquizações sociais, que busca transformar o saber em ferramenta para a mudança política, objetivando uma intervenção na sociedade.

Neste sentido, essa investigação se caracteriza também como pós-estruturalista, posto que trabalhamos com a desconstrução das universalizações e a compreensão que as estruturas não apresentam significações definitivas, mas estruturações e reestruturações discursivas, ao buscar enxergar as relações de poder envoltas nos discursos sobre o corpo masculino nesses livros (SILVA, 2014; OLIVEIRA, 2018). Esses discursos por sua vez, são analisados por uma perspectiva foucaultiana da análise do discurso, no qual um enunciado constitui aquilo que discursa, ou seja, o que se fala sobre o corpo masculino constitui as práticas desse corpo, bem como a prática interfere no discurso (VEIGA-NETO, 2007).

## **2.2 Sobre as ações investigativas**

Realizamos um levantamento online de escolas públicas de Ensino Fundamental de São Luís do Maranhão e catalogamos 7 (sete) instituições escolares. Iniciamos a incursão a estas instituições e em três escolas visitadas conseguimos catalogar 5 (cinco) coleções, totalizando 20 (vinte) livros didáticos de Ciências.

Todos os livros selecionados atendiam aos critérios para compor a pesquisa: apresentam o selo do PNLD 2020-2023; compõem o Guia Digital disponibilizado no site do PNLD; e estavam disponíveis nas escolas, sendo utilizados pelos docentes e estudantes em sala de aula e/ou nas bibliotecas.

As coleções utilizadas foram as seguintes: 1) Coleção Teláris – Componente Escolar: Ciências (GEWANDSZNAJDER; PACCA); 2) Coleção Inspire Ciências (BUENO; MACEDO); 3) Coleção Inovar Ciências da Natureza (LOPES; AUDINO); 4) Coleção Ciências – Vida & Universo (GODOY); 5) Coleção Geração Alpha Ciências (NERY; CATANI; AGUILAR; KILLNER).

## **2.3 Sobre as etapas da pesquisa documental**

Com os vinte livros de Ciências catalogados, partimos para a organização do material fazendo uso da técnica da análise de conteúdo proposta por Bardin (2016) como forma de sistematizar os discursos. Tal técnica sugere três etapas: a primeira é a pré-análise, na qual empreendemos leituras flutuantes e em profundidade de todos os livros, neles marcamos manualmente todos os discursos sobre o corpo masculino encontrados nos textos, atividades, imagens, ilustrações, quadros, glossários, etc., e após o processo de

leitura e marcação, fizemos a transcrição desses discursos para um arquivo digital, formando assim nosso *corpus* para análise.

A segunda etapa é a exploração do material e o tratamento dos resultados, aqui a autora orienta a codificação, portanto, criamos um código para identificar cada discurso. O código informa o livro, a coleção e a página de onde foi tirado aquele discurso, por exemplo, o código “L3Col4/p.10” informa que tal discurso foi retirado do livro do oitavo ano, da coleção 4 (Ciências - Vida & Universo), da página 10.

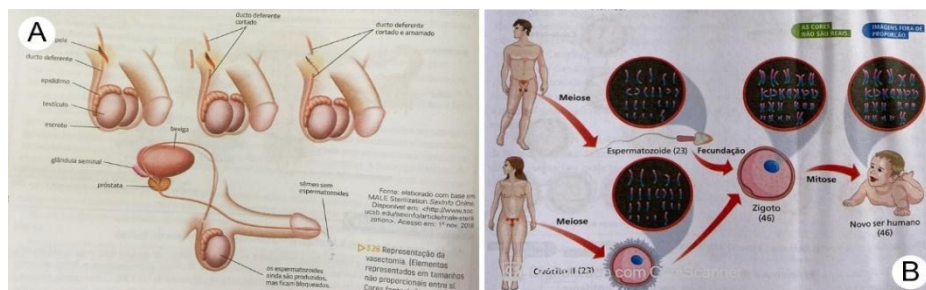
Por fim, a terceira etapa se trata da inferência e análise dos dados, nas quais partimos para a análise do discurso a partir da perspectiva foucaultiana e buscamos compreender o que foi produzido: o dito e não dito nos discursos sobre o corpo masculino nos livros didáticos de Ciências.

### 3 O corpo masculino e o currículo de Ciências

#### 3.1 Os discursos sobre o corpo masculino nos livros didáticos de Ciências

Os discursos em sua maioria percebidos em nossas análises nos livros didáticos de Ciências partem de uma visão biológica, naturalista e falam da capacidade reprodutiva, da anatomia e fisiologia do corpo masculino (Figura 1). Nesses discursos percebemos a visão do corpo orgânico e processual, que cumpre etapas no seu desenvolvimento de forma maquinaria e que apresenta taxas, padrões e níveis que o enquadram em noções de normalidade e anormalidade, para áreas das Ciências Naturais como a Biologia e a Medicina.

Figura 1: Corpo masculino definido a partir de características biológicas.



Fonte: Figura A – (L3Col1/p.86); Figura B - (L4Col2/p.25)

### TRECHO 1

*Ao nascer, o sexo permite distinguir meninos e meninas. Os hormônios sexuais influenciam a formação da genitália durante o desenvolvimento do bebê no útero materno. Externamente, o corpo de meninos apresenta pênis e o das meninas, vulva (L3Col2/p.84).*

Nos exemplos acima, percebemos que o corpo masculino se dá através da posse de órgãos que formam o sistema sexual e reprodutor, ele é definido e diferenciado a partir da presença do pênis. A posse desse órgão dá função de perpetuar a espécie (BOTTON, 2007). Tais discursos com teor essencialista partem da ideia do sexo como natural, correlacionado às práticas sociais. Essa relação direta entre o sexo (macho ou fêmea), gênero (masculino ou feminino) e sexualidade (heterossexualidade) instituída por normas regulatórias, naturaliza o gênero inteligível, aquele entendido como o natural, o destino correto e único de um corpo.

Com esse pensamento, Butler (2021) afirma que para que esse processo ocorra é necessário que as características masculinas e femininas sejam bem definidas, opostas e a todo momento reiteradas. Criam-se assim, identidades inteligíveis e reguladas, no entanto, para que tais identidades existam, outras devem ser extintas, então aqueles que escapam e que apresentam outras práticas, são suprimidos e parecem ser falhas de um processo natural.

Para Butler (2021), porém, a própria existência, ou melhor, a própria resistência dessas expressões se mostra um forte meio de questionamento da ideia binária naturalizada do gênero e do sexo, por conseguinte, os corpos masculinos afeminados, os femininos masculinizados e os que transitam, nos mostram que é através da prática do gênero que podemos desfazê-lo.

Dessa forma, Butler (2021) demonstra certo descontentamento com a ideia do sexo enquanto natural, em oposição ao gênero enquanto cultural. A autora questiona essa ideia e vê o sexo também como construção. Para Bento (2017) a visão do gênero como orgânico ou do sexo enquanto uma sentença de diferenciação sexual vem ganhando força e hoje é mais forte que nunca, o que de certa forma esvazia a ideia do que seria o gênero.

A autora cita ainda a persistência de cientistas em tentarem definir o local do gênero no corpo, se não na genitália, acham que pode estar no cérebro. Concordamos com a autora quando afirma que essas pesquisas são problemáticas e que seria mais fácil compreender que não há nada de biológico no gênero (BUTLER, 2021).

É importante lembrar que tais noções de divisão sexual baseadas no sexo biológico são recentes, que somente no século XVIII e XIX com uma batalha entre homens e mulheres por poder no meio público, é que o corpo e o campo biológico se tornam centrais. A necessidade de distinção fortalece a binariedade do gênero e nesse sentido, a Medicina tem uma forte influência e poder nos discursos sobre tais corpos (NICHOLSON, 2000).

A chamada anatomia política exemplifica a hierarquização dos corpos masculino e feminino, sendo legitimada pela Medicina em um processo de justificar na Biologia, Psiquiatria e Anatomia, questões morais, nas quais estruturas antes comuns como o esqueleto e o sistema nervoso são então utilizados para apontar uma superioridade masculina (ROHDEN, 2001).

Essa suposta superioridade é baseada na ideia da diferença. Podemos pensar aqui a discussão realizada por Silva (2014) acerca da produção da identidade e da diferença, na qual há a definição de uma identidade que é vista como única, verdadeira e inteligível, e a partir desta, as demais formas de expressão serão compreendidas como destoantes e anormalidades, conseqüentemente, serão vistas como a diferença. O corpo masculino era visto como o “normal” e o feminino se diferenciava a partir dele. Essa produção é feita com base em relações de poder. Existem em determinados contextos históricos e sociais, instituições que detêm o poder e podem, então, dizer o que é o normal e o anormal.

Com a estabilização da noção do sexo binário e, portanto, dos indivíduos como ou machos ou fêmeas naturais, que terão comportamentos modelados e justificados com base no seu órgão genital, as ciências precisam dar conta daqueles corpos que se esvaem dessas definições e o fazem a partir do viés patologizante que fortalece a norma. Aqui podemos pensar os corpos intersexo e transexuais, que se não uma ou duas exceções, não foram encontrados nos livros didáticos analisados.

Esses corpos enfraquecem o discurso médico e biológico naturalizante sobre a sexualidade e o gênero, logo, quando surge a Endocrinologia, os corpos intersexo são categorizados e compreendidos com base no diagnóstico (SILVA; SILVA, 2021). O corpo intersexo apresenta uma anatomia e/ou fisiologia que não permite classificá-lo como masculino ou feminino, ele destoa do que culturalmente e de forma binária se constituiu como parâmetro para nossa sociedade, visto que em outros locais podemos observar diferentes leituras de divisão sexual e de gênero.

Compreendemos que a transexualidade não é definida pela anatomia e/ou fisiologia do corpo, mas sim que constitui a identidade de gênero de cada pessoa, entretanto, ao se discutir o processo de transição, perpassamos por assuntos como o tratamento hormonal que faz parte da fisiologia do corpo, sendo importante que os meninos e meninas o conheçam principalmente no início, quando se compreendem enquanto homens ou mulheres trans.

Essa discussão acontece não por um viés patológico, deve partir da compreensão de que os corpos são múltiplos, bem como suas identidades. Favero e Machado (2019) afirmam como esse diagnóstico na infância coloca a transexualidade como fora da norma natural, que nesse caso seria a cisgeneridade (quando o indivíduo se identifica com o sexo que lhe foi atribuído ao nascer), o que por sua vez, não apresenta para a Medicina necessidade de um diagnóstico.

Quando pessoas intersexo nascem, a orientação aos/às responsáveis será quase sempre a de uma busca pelo “sexo verdadeiro”, através de tratamentos hormonais e cirurgias corretivas, pois sua ambiguidade simplesmente não é inteligível em nossa sociedade, mesmo que tal dualidade não lhe exponha em riscos de saúde. Sendo assim, pessoas intersexo e transexuais são em sua maioria designadas à esfera patologizadora e a depender dos livros que tiverem contato, existem altas chances de não se enxergarem nos materiais didáticos, de não serem representados nos livros de Ciências seus corpos como integrantes da sociedade, nem mesmo como diferentes e destoantes. Os homens trans e as pessoas intersexo simplesmente não existem para a maior parte dos livros analisados.

A disciplina de Biologia, como apontado por Silva e Silva (2021, p. 335) e aqui acrescentamos a disciplina de Ciências no Ensino Fundamental, pode ser compreendida como um “território de produção de verdades sobre o sexo”, podendo reiterar a norma



ou transgredi-la. Porém, pelo que observamos a cisgeneridade e a heterossexualidade compulsória continuam fortes.

Quando Veiga-Neto (2007) discute a norma em Foucault, ele diz que essa permite a comparação entre os indivíduos, dessa forma aqueles que são convencionalmente entendidos como excessivos e diferentes dos demais, ganham destaque, havendo uma divisão entre os normais e anormais. Os corpos que desviam do convencional homem e mulher são considerados anormais e são deslegitimados, silenciados e ajustados. De forma sutil, temos corpos sendo docilizados a partir do poder da disciplina que atua no indivíduo e mecanismos reguladores que atuam na população por meio do biopoder.

Nesse processo de controle e produção de identidades, inclusive do masculino, a reprodução tem papel central. Essa perspectiva reprodutiva do corpo é o fio condutor da discussão sobre educação sexual na escola, o que nos permite compreender como a concepção essencialista do corpo masculino (baseado no órgão genital reprodutor) é a mais discursada nos livros didáticos.

Altmann (2005, p. 94) nos diz que “A educação sexual na escola é, antes de tudo, uma educação sobre reprodução e o corpo que fundamenta esse ensino é um corpo orgânico e funcional, conhecido primordialmente a partir de seu interior”. A autora destaca ainda que o corpo masculino é conhecido na escola de uma forma diferente do feminino, visto que para esse último os ciclos internos são essenciais para a reprodução, enquanto para o homem a compreensão externa do seu corpo acaba ganhando maior foco (ALTMANN, 2005).

É preciso chamar os meninos à discutirem sobre a responsabilidade da reprodução enquanto geração de um bebê. Também é necessário discutir em sala a saúde masculina para além da reprodução. Quando observamos os discursos sobre a saúde desses indivíduos nos livros, percebemos que o foco se dá nas infecções sexualmente transmissíveis (IST) com destaque à AIDS, tema esse de relevância inquestionável, no entanto, discutir saúde com meninos deve ser uma conversa que parte do básico, pois a própria manutenção da masculinidade perpassa uma ideia de exposição ao perigo, de ocultação da fraqueza e de menor cuidado com a própria saúde.

A exposição ao perigo citada por Vigoya (2018) é facilmente observável no cotidiano dos meninos que querem ou precisam ser vistos como garotos, como homens, a ideia de não ter medo, de arriscar sua integridade física para provar sua masculinidade e assim obter o pertencimento ao grupo majoritário, são parte dessa ideia hegemônica do que seria ou como agiria um homem.

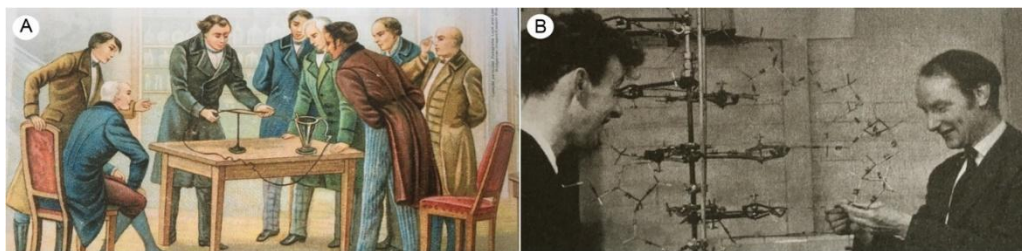
Não precisa de muito para enxergar o quão prejudiciais essas práticas são, não somente para aqueles que estão à volta desses homens, mas para eles próprios. Os homens são os que mais matam e morrem, são os homens que mais cometem suicídio e essa criação na qual há muita exposição e propensão à violência e menos espaço para a vulnerabilidade, coloca esses meninos em situações de acúmulo de emoções reprimidas, que podem fazê-los estourar a qualquer momento.

Como citado anteriormente, os livros didáticos de Ciências analisados apresentam uma predominância do discurso biológico sobre o corpo masculino, porém, se fazem presentes outros aspectos que nos permitem discutir relações de gênero e a construção do homem e da masculinidade, como o contexto histórico.

Sendo o homem uma figura histórica, ele por muito tempo escreveu e protagonizou a própria narrativa se valendo da sua posição de poder nas diversas instituições sociais. A sua palavra e visão construíram muito do que conhecemos, o que não anula a participação das mulheres, mas em muitas situações as omite. Por esse fato, temos percepções de pessoas, situações e momentos históricos que foram retratadas pelo olhar masculino, de certa forma não nos possibilitando a certeza e veracidade do que se registrou.

Nos livros de Ciências foram encontrados muitos discursos, principalmente em formatos de imagem e ilustração, que retratam este homem histórico (Figura 2). Muitos artistas, cientistas, filósofos, pintores e políticos que marcaram um momento na história foram discursados. É importante destacar aqui, que em alguns livros foram encontradas problematizações acerca dessa visão predominantemente masculina da história, e em especial da Ciência.

Figura 2: Os discursos sobre o homem histórico no meio científico.



Fonte: Figura A - (L4Col5/p.136); Figura B - (L4Col4/p.114).

O fato de se enxergar (ou não) nos livros didáticos pode influenciar na visão que os/as estudantes têm de seus corpos e suas possibilidades. Se as mulheres não são representadas historicamente nos livros, não são formados significados sobre tais figuras nas Ciências. Segundo Kathryn Woodward (2014, p. 18) “[...] os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar”. Tais discursos estão em meio às relações de poder que refletem diretamente na construção da identidade, quem tem poder de representar escolhe o que ou quem representar, definindo as identidades (SILVA, 2014). Se os homens são quem detêm o poder sobre as narrativas históricas, eles determinam o que será discursado e de que forma.

Ao falar de Marie Curie, um livro didático exemplifica que os homens não foram os únicos responsáveis pelo progresso da Ciência e expõe essa hegemonia masculina na história onde mulheres tiveram e ainda têm seus trabalhos e conquistas diminuídos. Ao problematizar a situação em uma atividade, o livro enfatiza o assunto e incentiva o debate em sala de aula sobre o conhecimento ser um direito de todas e todos, independentemente do gênero.

#### TRECHO 2

*Numa época em que a ciência era dominada pelos homens, Marie Curie fez uma verdadeira revolução no meio científico e na própria história ao ser a primeira mulher do mundo a ganhar um Prêmio Nobel. Sua maior contribuição para a ciência foi a descoberta da radioatividade e de novos elementos químicos. (L4Coll/p.128).*

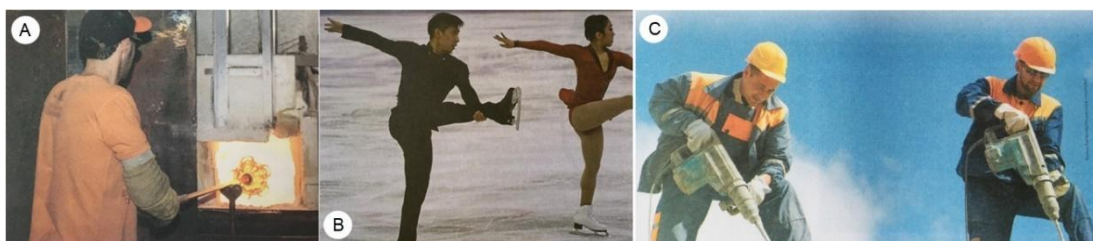
Discursos como esses são ótimas oportunidades para promover o debate acerca dos privilégios do patriarcado, misoginia no meio profissional, a produção de trabalhos que

resgatam esses nomes invisibilizados, além de incentivar a presença de mulheres no meio científico. Maria José Souza Pinho (2022, p. 96) apresenta trechos do livro “DNA: o segredo da vida” de James Watson, no qual o autor tece diversos comentários sexistas a respeito de sua colega e grande cientista Rosalind Franklin, tais quais “profissional obsessiva”, “dada a opiniões fortes”, além de relatar que ao final do dia ela trocava o jaleco por um vestido de gala para curtir a noite.

Lima, Souza e Fagundes (2004, apud PINHO, 2022), relatam que Watson utiliza adjetivos que se fossem atrelados a um homem, seriam considerados excentricidades, charme de um cientista. Fazer esse trabalho de historicizar e contextualizar essa disparidade de representação feminina em relação à masculina na história da Ciência é essencial para a busca de um ambiente que acolha e valorize mulheres cientistas, tanto quanto os homens.

Estereótipos como esses contribuem para que o papel do corpo masculino na sociedade ainda possa ser lido como o provedor da família, como o esposo, pai, líder, ocupando profissões específicas e posições de poder, profissões essas que muitas vezes exigem a incorporação de atributos associados à própria masculinidade, como a força física e resistência. Os trechos encontrados nos livros didáticos (Figura 3) retratam isso, mas também contestam essa hegemonia e discursam homens em diferentes posições.

Figura 3: discursos sobre a relação homem-trabalho.



Fonte: Figura A - (L1Col1/p.16); Figura B - (L4Col2/p.118); Figura C - (L4Col5/p.106).

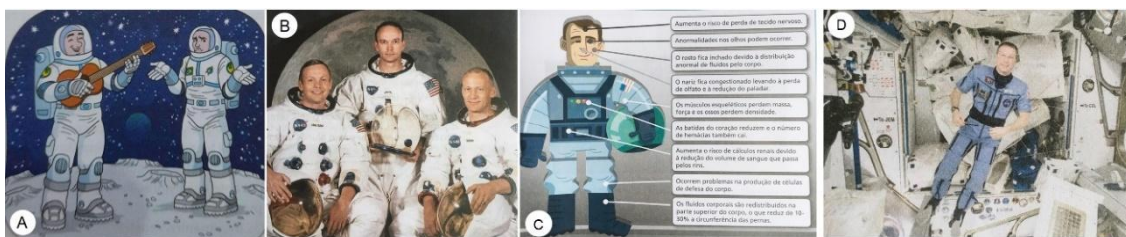
### TRECHO 3

*Qual é o lugar de homens e de mulheres na sociedade? As principais diferenciações entre os gêneros feminino e masculino decorrem de uma herança cultural. A sociedade humana era totalmente baseada no patriarcado, um sistema social em que indivíduos do sexo masculino mantêm o poder e predominam em funções de liderança política, autoridade moral, privilégio social e de controle das propriedades. Aos indivíduos do sexo feminino cabia ser filha, dona de casa, esposa ou mãe. Porém, esse padrão está mudando. Nas últimas décadas, vem aumentando a participação feminina em diversos setores da sociedade. Contudo, ainda hoje as mulheres lutam por respeito e igualdade. (L3Col3/p.88).*

D'GENERUS: Revista de Estudos Feministas e de Gênero  
v. 01 | n.2 | 2023 | UFPEL: Pelotas – RS.

Fica evidente quando lemos Vigoya (2018) que o trabalho é parte constitutiva da masculinidade e que tais ambientes ainda se encontram pautados em muitos estereótipos de gênero dentro de uma rede hierarquizante, no qual os homens possuem lugar de privilégio, mas que se escalonam entre si de acordo com sua classe, etnia, cor, etc. Alguns discursos encontrados nos livros que podem exemplificar isso são as ilustrações de astronautas (Figura 4), que em sua maioria discursam homens brancos. As mulheres quase nunca são representadas em tal profissão e os homens negros também não, reforçando uma imagem hegemônica e padronizada de quem pode ser um astronauta.

Figura 4: homens que podem ser astronautas.



Fonte: A - (L3Col3/p.238); Figura B - (L3Col4/p.217; Figura C - (L4Col4/p.231); Figura D - (L1Col5/p.209).

A partir de trechos como os já citados acima, o docente pode conduzir a discussão na sala de aula mirando a conscientização dos/das seus/suas estudantes acerca da construção desses papéis e do quão prejudicial essa noção é para a própria sociedade, que diminui as mulheres, as empurra para a casa ou para profissões que remetam às particularidades do cuidado com o lar, a maternidade, a doçura e delicadeza, a servidão, enquanto empurra homens para posições de liderança, poder, violência, privilégios e riscos.

Compreendendo então que dentro do grupo de homens vamos ter diversos subgrupos e diversas expressões de masculinidade, entendemos a importância dos estudos sobre essas e a discussão na escola, visando pontuar que dentro dessa distribuição dos papéis sociais, nem todos os homens serão beneficiados totalmente.

É necessário compreender essa realidade quando fazemos qualquer análise de sujeitos e de corpos, principalmente quando falamos de desigualdade. Vigoya (2018, p. 23) entende a dominação masculina como um processo caleidoscópico, complexo, não

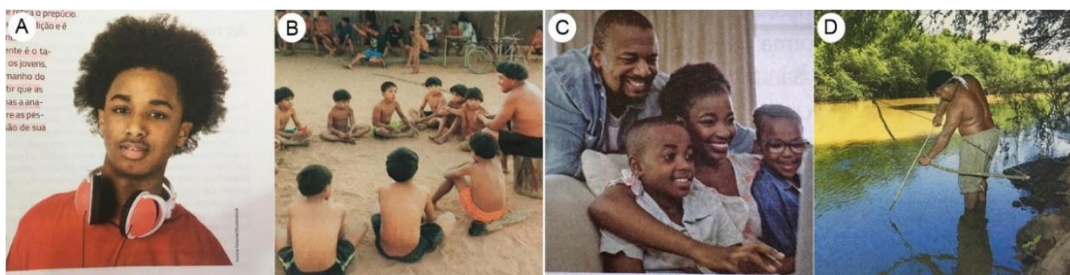
compactuando com a ideia de sujeitos exclusivamente dominantes ou dominados. Para ela, essa dominação não é exercida “a partir da soma de certas condições, mas a partir de uma determinada forma de habitar o gênero, a classe, a raça, a idade, a nacionalidade etc., como relações sociais que se coproduzem”.

Homens negros assim como homens indígenas são marcados com estereótipos, discursos difundidos e replicados por muitos, Vigoya (2018) fala que existe uma diferença nesses estereótipos, na qual o homem negro é marcado como hipersexual, infiel, pai ausente e viril, já o homem indígena é discursado como hipossexual, primitivo, desmotivado e destaca que há uma escassez de estudos quanto aos homens indígenas, principalmente aqueles com práticas homoeróticas.

Em consonância com o defendido nessa pesquisa e baseado em Foucault (1999), acerca da disciplina enquanto poder que age sobre os corpos, tornando o processo de sujeição constante e os mantendo dóceis e úteis, a autora acredita que tanto a homofobia quanto o racismo podem ser compreendidos como frutos desse poder disciplinar. No entanto, existem sujeitos que escapam do dispositivo de poder, corpos de bichas pretas afeminadas que ocupam o local oposto do reservado aos homossexuais negros e ao se apropriarem desses termos, utilizados ainda para chacota, se mostram resistência.

Os discursos sobre o corpo masculino negro e indígena nos livros (Figura 5) que colocam esses indivíduos em posições como a sala de aula na condição de estudante e docente, em diversas outras profissões e em situações nas quais suas culturas são valorizadas, são essenciais para a construção da cidadania desses grupos, bem como a contribuição para a humanização e garantia de direitos a partir da conscientização dos alunos, sobre as relações de poder envoltas no caráter étnico e racial de cada corpo, principalmente tendo em vista como a Ciência contribuiu para a legitimação do racismo e para a hierarquização dos sujeitos.

Figura 5: Homens negros e indígenas discursados nos livros didáticos de Ciências.



Fonte: A - (L3Col1/p.59); B - (L4Col1/p.218); C - (L2Col2/p.34); D - (L1Col1/p.98).

A Ciência contribuiu para a fundamentação dessas teses eugenistas que buscavam tornar o povo brasileiro cada vez mais parecido com o padrão europeu. Eram teses de erradicação das características negras e indígenas que não pretendiam somente erradicar traços fenotípicos, mas também tudo aquilo que constituía sua identidade, sua cultura, seus costumes.

A força de discursos desse tipo perdura, ela recai sobre a forma como somos todos/as criados/as, está nas falas, nas atitudes e nos pensamentos, é fundamental um processo enfático, transversal, historicizador e antirracista que busque debater o cerne dessa desigualdade e todos os espectros que envolvem a discriminação e o genocídio do povo negro e indígena no Brasil. Os livros didáticos são recursos importantes ao discursarem esses corpos masculinos, ao terem o poder de trazê-los ao espaço escolar e valorizar suas narrativas e representações.

Percebemos que a nossa relação com o gênero enquanto brasileiros/as sofreu influência direta do exterior durante a colonização. Connell (2013) diz que as sociedades pós-coloniais tiveram suas relações com o gênero desconstruídas e reconstruídas. O que entendemos hoje como gênero e enquanto práticas afetivas e sexuais comuns e corretas são na verdade construções baseadas em valores cultivados por instituições históricas de poder, como a própria Igreja Católica. Como pontua Mação *et al* (2021, p. 243) quando dizem que o “sexo e cor funcionam como categorias de controle social, pois são formas de naturalizar certas diferenças e, ao mesmo tempo, as assimetrias sociais e econômicas decorrentes desse processo”.

#### TRECHO 4

*Leitura complementar: Menino brinca de boneca? Marcos Ribeiro. São Paulo: Salamandra, 2001. Este livro discute a sociedade patriarcal e os papéis preestabelecidos que homens e mulheres desempenham no mundo em que vivemos (L3Coll/p.250).*

Entendendo a importância do questionamento dessas assimetrias, o que percebemos, no entanto, nos livros didáticos em geral, é um discurso pouco enfático no quesito combate ao preconceito, principalmente quando se remete às questões de gênero. O termo em si praticamente não é citado, mas características de sua expressão (como as roupas) são

apontadas, porém muito brandas para um país que mata sua população por conta de roupas, trejeitos ou simplesmente por existirem em seus corpos e não se esconderem do convívio social. Em exemplos como o citado acima, muitas vezes a discussão fica como sugestão, como um quadro pequeno no canto da página que indica uma leitura complementar a ser feita depois, a cargo dos/das próprios/as estudantes.

Ao compreender as masculinidades como construídas no e pelo discurso, com fortes influências geográficas e culturais, entendemos que existem diversas formas de vivê-la e que diversos indivíduos podem apresentar características de alguma masculinidade em suas práticas, deste modo, aqui destacamos que também mulheres *drag queens* e *drag kings* podem performar as masculinidades, o que inclui o vestuário e acessórios de expressão de gênero.

Os estudos de Andrea Lacombe (2007) ressaltam que essas possibilidades contribuem justamente para a quebra da relação da masculinidade com a estrutura biológica e realça sua característica performática, fictícia. A estética é construção, seja de um padrão corporal, de atitudes, comportamentos, roupas, acessórios e cores. Podemos fazer diversas escolhas estéticas que nos possibilitem a felicidade e o bem estar com nossos corpos, seja explorando, mesclando ou criando noções de masculinidades, feminilidades e não-binariedades.

A coleção 5 se mostrou uma exceção diante das demais pelo fato de trazer discussões amplas, principalmente nos livros do oitavo e nono ano, de promover o debate de pontos importantes relacionados às noções e relações de gênero, tanto no formato de imagens e ilustrações, como nos textos, conectando com atividades e sugerindo trabalhos.

A coleção traz uma discussão interessante e necessária acerca da sexualidade enquanto algo além da Biologia, destacando que outros aspectos que a constituem influenciam no que concebemos como sexualidade. Os discursos trazem também diferenciações conceituais sobre os termos que são importantes para o início do debate. O conhecimento é o primeiro passo para que os sujeitos possam se identificar, respeitar e se tornarem ativos na luta contra o preconceito e a retirada de direitos. As pessoas transexuais também são abordadas nesses discursos que informam que nem todas essas pessoas querem ou precisam fazer a redesignação, visto que a questão se trata de identidade e não de Biologia. Não houve menção às pessoas intersexuais e às travestis.



Ao final dos capítulos, os livros da coleção 5 trazem uma sessão chamada “ideias em construção”, com reflexões sobre o conteúdo de cada unidade. A seguir observamos como a discussão sobre as relações de gênero foram centrais no livro do oitavo ano:

#### TRECHO 5

*Ideias em construção – Unidade 9 [...] Identifico a sexualidade como uma característica influenciada por aspectos biológicos, culturais, sociais e emocionais? Compreendo a diferença conceitual entre sexo biológico e gênero? Reconheço a diversidade da sexualidade humana e respeito todas as suas formas de expressão? Compreendo que identidade de gênero e orientação sexual são conceitos distintos? Compreendo os efeitos nocivos da homofobia?*  
(L3Col5/p.220)

Trechos como esses são essenciais e revigorantes de se observarem nos materiais didáticos, motivam a discussão por parte dos/das docentes, além de incentivarem e fundamentarem o debate, propondo atividades, dinâmicas, reflexões, questionamentos, para que o corpo, as noções de gênero, sexualidade e em específico o corpo masculino e as masculinidades possam ser construídas na sala, a partir da troca entre docentes e discentes. Dessa forma é importante lembrar, discutir e também analisar os documentos curriculares para que essa perspectiva de promoção do debate se faça presente, podendo continuar progredindo na discussão sobre o gênero e a sexualidade em sala de aula.

#### 4 Considerações finais

Os discursos sobre o corpo masculino observados nos livros didáticos de Ciências apresentam a intenção de ampliar a compreensão desse corpo em momentos que destacam a existência das diferenças entre sexo, gênero e reprodução, que promovem debates sobre os privilégios sociais dos homens em relação às mulheres, mesmo que em alguns desses casos (como quando fala da sexualidade) os livros o façam em maioria de forma breve e superficial.

Por mais que nessas discussões se percebam questões de gênero, o termo quase nunca é utilizado e aspectos como a identidade de gênero, a representação de pessoas trans,

intersexuais e as conformações de família, contendo homens de diferentes orientações sexuais e identidades de gênero, não são discursadas.

O corpo masculino de um modo geral é discutido amplamente na perspectiva biológica e de um modo geral, o homem branco cisgênero heteronormativo foi o mais presente. Os homens históricos foram lembrados, suas conquistas foram celebradas, seus legados foram reafirmados, mas também, foram inseridos em problematizações que contestam os papéis sociais de gênero, em discursos que valorizam a raça e etnia e que dão espaços sociais a grupos de homens subalternizados.

Algumas luzes se acendem nos materiais didáticos e contribuem para uma discussão mais iluminada sobre a construção do corpo masculino e das masculinidades, porém, ainda assim existem muitos trechos cinzentos que impedem que tal discussão seja mais visível, tanto aos/às docentes, quanto aos/às alunos. Essas lacunas reduzem o caráter diverso do debate, além de contribuírem para a reprodução de uma ideia do homem e das masculinidades como naturais, como ser e conjunto de atitudes presentes no indivíduo desde à sua priori, ou mesmo a naturalização de ensinamentos baseados na violência, no sexismo, no preconceito e na discriminação.

Na maior parte da leitura e análise dos livros didáticos de Ciências, o que pareceu foi que os materiais simplesmente omitem a existência de categorias inteiras, neste caso pessoas transgênero e intersexuais. Salvo algumas exceções que promoveram debates interessantes, os livros simplesmente não discursam esses indivíduos, não levam em consideração suas vivências. Atitude essa que contribui para a reprodução de um discurso patologizador e que invisibiliza essas pessoas.

Há muito tempo se discute o gênero, o tema é complexo, cheio de articulações e em nossos documentos da educação nacional já observamos avanços e retrocessos, os livros didáticos (em sua maioria) parecem estar receosos sobre a sua discussão, até o combate à homofobia é raro de ser visto sendo discursado, tendo isto posto, é de se esperar que pessoas trans e intersexo sejam ainda mais raras nesses espaços, visto que subvertem totalmente a ideia da relação sexo, gênero e sexualidade dentro de uma norma binária naturalizada. Esses indivíduos sofrem violências constantes, portanto, é fundamental o debate.

Ansiamos que em breve tenhamos não somente nos materiais didáticos, mas no centro de projetos, programas, políticas, resoluções, documentos da educação, currículos da

educação básica, superior e da formação docente, a presença do debate sobre o gênero, a sexualidade, a produção dos nossos corpos, das diferenças, desigualdades, das naturalizações, da hegemonia de um grupo sobre o outro, de forma enfática.

Desejamos que possamos construir esse caminho que levará a debates na escola, que envolverão não somente os estudantes, mas seus responsáveis e sua comunidade, e dessa forma que a reflexão sobre esses temas seja ampla, constante, que o reconhecimento dos privilégios patriarcais possa ser ponto de partida para muitos homens desenvolverem práticas pautadas no respeito e na ação entre os seus, para que os discursos e atitudes sexistas não perdurem e que possamos criar um ambiente de fato democrático, com as diferentes expressões de masculinidade, de feminilidade e da não-binariedade, no qual aconteça a formação integral desses estudantes, de forma crítica e emancipadora.

### Referências

ALTMANN, Helena. Verdades e pedagogias na educação sexual em uma escola. 04 abr. 2005, 226 f. Tese. (Doutorado) – PUC - Rio, Departamento de Educação. Rio de Janeiro, 2005.

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. 1ed. São Paulo: 70 Edições, 2016. 279 p.

BENTO, Berenice. Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos. Salvador: EDUFBA, 2017. 329 p.

BOTTON, Fernando Bagiotto. As masculinidades em questão: uma perspectiva de construção teórica. Revista Vernáculo, Paraná, n. 19-20, p. 109-120, 2007. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/view/20548/13731>. Acesso em: 09 mar. 2023.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. 21ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021. 287 p.

CONNELL, Raewyn. “Masculinidades, colonialidad y neoliberalismo”: entrevista con Raewyn Connel. 2013. Disponível em: <https://vientosur.info/masculinidades-colonialidad-y-neoliberalismo/>. Acesso em: 02 mar. 2023.

FAVERO, Sofia Ricardo; MACHADO, Paula Sandrine. Diagnósticos benevolentes na infância: crianças trans e a suposta necessidade de um tratamento precoce. Revista

Docência e Cibercultura, Rio de Janeiro, v. 3, n.1, jan/abr. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/redoc.2019.40481>. Acesso em: 10 mar. 2023.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 1: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FURLANI, Jimena. Gênero e sexualidade nos materiais didáticos e paradidáticos. 2008. In: Salto para o Futuro: Educação para a igualdade de gênero. Ano XVIII, Boletim 26, nov. 2008.

LACOMBE, Andrea. De entendidas e sapatonas: socializações lésbicas e masculinidades em um bar do Rio de Janeiro. Cadernos Pagu, jan-jun. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000100010>. Acesso em: 02 dez. 2022.

LIMA E SOUZA, Ângela Maria Freire de; FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira Carvalho; Acesso à educação e à produção de saberes – direitos da mulher. 2004. In: PINHO, Maria José Souza. Para além do sistema reprodutor: a (des)construção do gênero em livros de Biologia. Curitiba: CRV, 2022.

MAÇÃO, Izabel Rizzi; ALVIM, Davis Moreira; RODRIGUES, Alexssandro. Desfazendo sexo: uma genealogia dos conceitos de sexo biológico e gênero. Kínesis – Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia, Vol. XIII, nº 34, jul. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/1984-8900.2021.v13n34.p231-252>. Acesso em: 02 dez. 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14ª ed. São Paulo: Hucitec, 2014. 416 p.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. Revista Estudos Feministas, v. 8, n. 2, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11917>. Acesso em: 10 mar. 2023.

PINHO, Maria José Souza Para além do sistema reprodutor: a (des)construção do gênero em livros de Biologia. Curitiba: CRV, 2022. 146 p.

ROHDEN, Fabíola. Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001. (Coleção Antropologia e Saúde). E-book. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/37677>. Acesso em: 10 mar 2023.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, vol. 1, n. 1, jan-jun. 2009. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351>. Acesso em: 12 mar. 2023.

SILVA, Luciana Aparecida Siqueira; SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz. Corpo intersexo e intersexualidade: temas do livro didático de Biologia. In: X CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIVERSIDADE SEXUAL, ÉTNICO-RACIAL E DE

GÊNERO (CINABEH). Vol. 2, 2021. Anais do X CINABEH. – Vol 2. Campina Grande: Realize editora, 2021. 330-341. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/75244>. Acesso em: 10 fev. 2023.

SILVA, Tomaz Tadeu. (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. 15º ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2014. 133 p.

OLIVEIRA, Marcia Betania de. Pós-estruturalismo e teoria do discurso: perspectivas teóricas para pesquisas sobre políticas de currículo. Revista Brasileira de Educação, v. 23, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782018230081>. Acesso em: 08 fev. 2023.

VEIGA-NETO, A. Foucault & a Educação. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VIGOYA, M. V. As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018. 224 p.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e cultural. 2014. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis – RJ: Vozes, 2014. 07-72.